

internacional

internacional@jornaldocomercio.com.br

Irã desafia Donald Trump e diz que controla Ormuz

Iranianos querem testar a disposição americana de se expor no estreito

/ ORIENTE MÉDIO

Horas depois de o presidente Donald Trump dizer que poderia enviar a Marinha para escoltar petroleiros pelo estreito de Ormuz, a Guarda Revolucionária do Irã dobrou a aposta com o americano e disse que o país controla a passagem de 20% do petróleo e gás do mundo.

“Atualmente, o estreito de Ormuz está sob controle total da Marinha da República Islâmica”, disse ontem, segundo a agência Fars Mohamad Akbarzadeh, das forças navais da Guarda, o principal entre militar iraniano tem unidades terrestres, aéreas e marítimas próprias.

Após a fala de Trump, durante entrevista, o chefe do Comando Central das Forças Armadas dos EUA, Brad Cooper, questionou o Irã. “Hoje, não há um único navio iraniano navegando no golfo Pérsico, no estreito de Ormuz ou no golfo de Omã”, afirmou em vídeo publicado no X.

Com a provocação, o Irã parece confiante em testar a disposição americana de se expor no estreito, que tem meros 33 km de largura no ponto em que a teocracia fica mais próxima de Omã. Nos últimos anos, os iranianos militarizaram fortemente a região, com 16 bases navais e aéreas, navios, minas e drones.

Ocorre que pode ser só um blefe. Imagens mostram que vários navios iranianos foram atingidos na campanha iniciada pelos EUA e por Israel no sábado, inclusive a nau capitânia do país, o Shahid Bagheri, um navio de transporte adaptado para lançar drones e carregar helicópteros que entrou em operação no ano passado.

Casa Branca vê Irã ‘esmagado’ por operação dos EUA

A secretária de Imprensa da Casa Branca, Karoline Leavitt, afirmou ontem que o regime do Irã está sendo “esmagado” pela ofensiva militar conduzida pelos Estados Unidos no país, destacando que as forças americanas já atingiram mais de 2 mil alvos iranianos desde o início das operações.

Em coletiva de imprensa, Karoline pontuou que a campanha



GIUSEPPE CACACE/AFP/IC

Navios estão ancorados nos golfos Pérsico e de Omã, ligados pelo canal

É bastante provável que os EUA tenham de fato afundado 17 navios, mas isso não esgota a capacidade de interdição iraniana na região: há bases fixas de lançamento de mísseis antinavio com alcance de 300 km na região que podem ter sido destruídas, mas o país se mostrou eficaz em esconder lançadores móveis. E há o risco de minas e drones.

Os países da região e as empresas de transporte não querem pagar para ver por enquanto. Maior produtor de gás natural líquido do mundo, o Catar paralisou sua indústria, o mesmo que o Iraque deve fazer com a de petróleo.

No site de monitoramento marítimo Marine Traffic, não há trânsito comercial na faixa de transporte do estreito, que fica no seu centro e tem 3 km de largura na ida e na volta. Centenas de navios lançaram âncora nos golfos Pérsico e de Omã, que são ligados pelo canal. Já belonaves só aparecem se ligarem seus rastreadores, o que não acontece na guerra.

A estratégia iraniana de apostar na dúvida é fazer os americanos exporem seus navios de guer-

ra na região. Nos quase dois anos de campanha no mar Vermelho contra os rebeldes houthis pró-Irã no lêmén, que buscava justamente garantir escolta a navios mercantes, os EUA e aliados não conseguiram suprimir todas as capacidades rivais.

Isso foi a alto custo, com cerca de US\$ 1 bilhão em munição contra drones e mísseis gastos no primeiro ano do conflito, segundo o único balanço disponível. Nenhum navio de guerra foi afundado, mas foram perdidos petroleiros e até um caça F/A-18 acabou abatido por fogo amigo.

Teerã também sabe que cada dia de impasse em Ormuz joga a seu favor, empurrando os preços do barril para cima e ameaçando uma repercussão inflacionária pelo mundo que pressionará politicamente Trump. Na terça-feira, ele deu de ombros e afirmou que a agitação no mercado é temporária e natural. Em seu favor, há a abundância do petróleo no mundo. Nesta manhã de quarta, o preço referencial do barril chegou a US\$ 84, o maior desde julho de 2024, mas longe do patamar de US\$ 130 de conflitos anteriores.

tem quatro objetivos principais: destruir a marinha iraniana, eliminar a capacidade balística do país, impedir permanentemente que Teerã obtenha uma arma nuclear e neutralizar os grupos aliados do Irã na região.

Entre os objetivos estratégicos da Casa Branca, a porta-voz não listou uma mudança de regime em Teerã. Questionada sobre quem poderia assumir a

liderança suprema do país no futuro, após relatos de que Mojtaba Khamenei, filho do ex-aiatolá Ali Khamenei, poderia emergir como sucessor, ela sinalizou que essa não é uma questão central para a operação.

Karoline disse ainda que as operações militares continuam avançando e indicou que Washington espera consolidar em breve a superioridade aérea no conflito.

Após ameaça americana, Espanha afirma que não aceitará ser vassala

A Espanha “não será vassala” de outro país, disse a ministra do Orçamento, Maria Jesus Montero, ontem, após as ameaças do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, de cortar o comércio com Madri por causa de sua posição contra os ataques de Washington ao Irã.

A tensão aumentou depois que o chanceler alemão, Friedrich Merz, declarou na Casa Branca que a Espanha precisaria ser “convencida” a aceitar uma meta mais elevada de gastos militares da Otan, atualmente discutida em 3,5% do PIB. Trump, por sua vez, voltou a defender que aliados destinem até 5% do produto interno bruto à defesa.

O ministro das Relações Exteriores da Espanha, José Manuel Albares, disse que Madri compartilhou com a Alemanha sua “surpresa” diante das declarações de Merz. “Não consigo imaginar os chanceleres (Angela) Merkel ou (Olaf) Scholz fazendo tais declarações”, disse Albares em entrevista à emissora estatal TVE.

A Espanha se recusou a autorizar o uso de duas bases milita-

res operadas conjuntamente com os Estados Unidos para ataques contra o Irã. Em resposta, Trump ordenou que seu governo avaliasse o corte de todos os laços comerciais com o país europeu. “A Espanha tem sido terrível”, afirmou, acrescentando que o país “não tem absolutamente nada de que precisamos”.

O primeiro-ministro espanhol Pedro Sánchez chamou a guerra no Irã de “desastre”, comparando-a à invasão da Ucrânia pela Rússia e ao ataque de Israel a Gaza. Sánchez disse nesta quarta-feira que era contra o regime iraniano, mas argumentou que o ataque ao país era uma violação do direito internacional.

“Não se pode responder à ilegalidade com mais ilegalidade, porque é assim que começam os grandes desastres da humanidade”, disse ele em um discurso à nação. A firme oposição da Espanha à guerra no Irã, que a tornou uma exceção na Europa, era consistente com sua posição sobre os conflitos na Ucrânia e em Gaza, disse Sánchez, resumindo sua postura como “não à guerra”.

Israel assume ataque a complexo que abriga órgãos de segurança iranianos

Israel afirma ter feito um ataque de grande escala contra um complexo militar do Irã que abriga a sede de todos os órgãos do aparato de segurança do país, incluindo a Guarda Revolucionária, a brigada Quds, unidade de elite do regime, e a Basij, milícia paramilitar formada por voluntários.

De acordo com um comunicado de Tel Aviv, aviões de combate da Força Aérea atingiram o complexo, no Leste de Teerã, no momento em que foi detectada atividade de soldados iranianos. A imprensa local afirma que as Forças Armadas mobilizaram mais de 100 caças para a operação, que teria usado mais de 250 bombas.

A guerra, iniciada após os EUA e Israel atacarem o Irã, matando o líder do supremo Ali Khamenei, se espalhou pela região. Mais de dez países que abrigam bases americanas já sofreram ataques de retaliação de Teerã em cinco dias, incluindo Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e Catar. De acordo com a declaração de um comandante da Marinha da Guarda Revolucionária à imprensa estatal iraniana, Teerã alvejou ao menos dez navios e petroleiros no conflito.

Ontem, o Irã subiu o tom ao ameaçar atacar embaixadas israelenses em todo o mundo caso o Estado judeu faça algo contra a missão diplomática de Teerã no Líbano. “Se Israel cometer esse crime, nos obrigará a tornar as embaixadas israelenses ao redor do mundo alvos legítimos”, afirmou Abolfazl Shekarchi, porta-voz das Forças Armadas iranianas.

Na terça, Avichay Adraee, porta-voz das Forças Armadas israelenses, alertou que “representantes do regime terrorista iraniano ainda no Líbano” deveriam deixar o país “imediatamente antes de serem atacados”. Ele deu aos membros da missão um prazo de 24 horas.

O presidente iraniano, Masoud Pezeshkian, dirigiu-se aos países atacados em uma publicação na rede social X. “Tentamos evitar a guerra com a ajuda de vocês e por meio da diplomacia, mas o ataque militar americano-sionista não nos deixou outra escolha senão nos defender. Respeitamos a soberania de vocês e continuamos acreditando que a paz regional deve ser garantida pelos países da região”, afirmou o político.